

Quando me descobri negra

Tenho trinta anos, mas sou negra há dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, coleguinhas — que talvez não tomassem tanto sol — e para toda a família, que nunca gostou do assunto. “Mas a vó não é descendente de pessoas escravizadas?”, eu insistia em perguntar. “E de indígena e português também”, era o máximo que respondiam sobre as origens da avó negra. Eu até achava bonito ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa.

Em agosto de 2004, quando fui fazer uma reportagem na Câmara Municipal de São

Paulo, passei pela rua Riachuelo, onde vi a placa “Educafro”. Já tinha ouvido falar sobre o cursinho comunitário, mas não conhecia muito bem a proposta. Entrei. O coordenador pedagógico me explicou a metodologia de ensino com a cumplicidade de quem olha um parente próximo. Quando me ofereci para dar aulas, seus olhos brilharam. Ouvi que, como a maioria dos professores eram brancos, eu seria uma boa referência para os estudantes negros. Eles veriam em mim, estudante da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero, que há espaço para o negro em boas faculdades.

Saí sem entender muito bem o que tinha ouvido. Fui até a Câmara dos vereadores, fiz a entrevista e segui minha rotina. Comecei a reparar que nos lugares que frequento as pessoas também não tomam tanto sol. O professor do Educafro toma. Será por isso que ele me tratou com tanta cumplicidade?

Pensei muito e por muito tempo. Por que o fato de sermos negras e negros nunca foi falado em minha família? Senti que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Mais tarde percebi que o medo das tantas violências sofridas por pessoas negras no Brasil foi outra razão para nosso branqueamento. Óbvio que somos negros. Se nossa pele não é tão escura, nossos traços, cabelos, vivências, história revelam o grupo social a que pertencemos. Minha mãe, formada economista, trabalhando como vendedora de uma grande empresa, foi branqueada como os jogadores de futebol negros que no século 19 passavam pó de arroz no rosto para serem aceitos nos clubes.

Eu fui branqueada em casa, na escola e na universidade. Sigo causando espanto ao me reafirmar negra no mercado de trabalho. O branqueamento apaga de nossas memórias as conquistas que nós, pessoas negras, tivemos ao longo da história do Brasil. Conquistas individuais e coletivas. Afirmo com

alegria que sou negra há mais de dez anos. E agradeço ao Educafro, por me provocar, e ao professor Welington Andrade, que na faculdade me fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens.

Livros para quem?

Ela estava entusiasmada. Começara o curso de auxiliar de enfermagem e tinha gostado muito do primeiro dia de aula. Luzia saiu da escola e comemorou quando o ônibus chegou rápido. Antes de chegar ao trabalho, podia passar no sebo para tentar comprar um dos livros recomendados pela professora.

O trânsito estava pesado e dali a pouco as crianças chegariam da escola. Luzia era babá e não podia atrasar um minuto para receber as crianças do ônibus escolar. Não foi daquela vez, mas uma hora daria certo.

Quase uma semana de tentativas e o intervalo entre passar na catraca do ônibus de linha

e a chegada do ônibus escolar nunca era grande o bastante para uma parada no sebo. Sábado ela trabalhava. Domingo a loja não abria. E assim passavam as semanas. As cópias do livro da professora iam quebrando o galho. Mas ela tinha economizado tanto antes de começar o curso que pelo menos o livro mais recomendado ela queria ter. Um livro dela. Comprado com o dinheiro dela. Recomendado no curso que ela sonhara tanto fazer.

Quase um mês depois e o tempo foi generoso. Ela entrou no sebo. E, antes mesmo de perguntar sobre o livro que procurava para o senhor que estava atrás no balcão, foi absorvida pelas estantes. Eram tantos os livros. Os de saúde e medicina, organizados em três prateleiras, pareciam muito interessantes. Será que um dia conseguiria ler tudo aquilo? Pelo menos uma parte?

Luzia lembrou do relógio já pensando estar atrasada. Que feliz surpresa perceber que tinha tempo para folhear alguns exemplares!

O olhar parou em um tratado de fisiologia. E mais rápida que suas mãos foi a voz do senhor que saía de trás do balcão: “O que você está fazendo? Não viu que esses livros não são pra você? Sai daqui! Não tem nada aqui pra você. Sai. Sai”.